A Que Veio das Águas

Poema umbandista a Nossa Senhora Aparecida

Não te chamo pelo nome que os homens disputam.
Não te procuro no andor, nem no ouro, nem na vela.
Te encontro onde a fé não pede documento,
onde ninguém pergunta de que casa vem a reza.

Vieste do rio partida em duas:
o corpo numa rede, a cabeça noutra.
E os pescadores entenderam, sem teologia,
que o sagrado também chega em pedaços.

Não vieste inteira, Mãe,
para que soubéssemos, enfim,
que ninguém precisa estar inteiro
para ser recolhido.

Vieste escura, da cor do fundo do rio,
da cor de quem carrega o sol nas costas,
da cor de quem foi negado à porta —
e por isso nenhum de nós pôde dizer
que eras só sua.

A razão te pede prova.
A doutrina te pede dono.
O orgulho te pede bandeira.
Tu pedes apenas
que a rede não volte vazia.

Oxum te reconhece no espelho das águas doces,
o romeiro te carrega de joelhos,
o aflito te chama sem saber teu nome —
e tu, em silêncio, não escolhes lado:
acolhes.

Que pureza é essa, Senhora?
Não a de quem nunca tocou o lodo,
mas a de quem atravessa o lodo
e continua água.

© 2026 Renato Gonçalves da Silva — Todos os direitos reservados. Reprodução proibida (Lei nº 9.610/1998).

Não a de quem se guarda,
mas a de quem se dá
sem perguntar se o outro merece.

Ensina-me essa fé sem moldura,
que não precisa vencer debate,
nem ter razão,
nem ter autor.
A fé que apenas fica
como fica a mãe à beira da cama
quando a febre não cede.

Que eu também saiba vir das águas
partido, escuro e pobre,
e ainda assim ser bênção.

Salve, Mãe Aparecida!
Ora yê yê ô!

Renato Gonçalves da Silva

Pai Renato de Xangô
Casa de Oração Baiano Sete Côcos
Renato Gonçalves da Silva
Avaré/SP, 12 de outubro de 2026

© 2026 Renato Gonçalves da Silva — Todos os direitos reservados. Reprodução proibida (Lei nº 9.610/1998).